

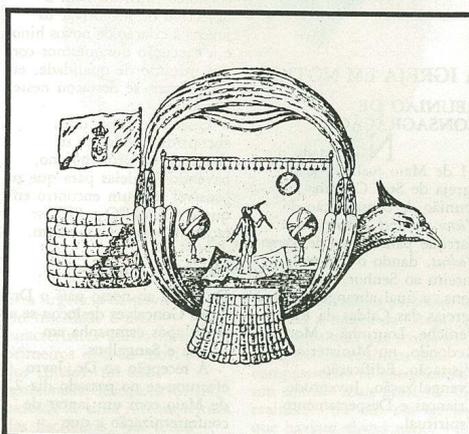
JORNAL
TRIMESTRAL
INFORMATIVO
FORMATIVO
E DIVULGATIVO
GDJ-IS

irmãos

Nº 3
Julho Agosto Setembro
1981
20\$00



Família a pedir esmola (Restauradores)



Pastrola de Barceloneta de Gusmão



Num corredor qualquer do metropolitano

Fernando Lourenço

DE JÚLIO VERNE A JESUS CRISTO

Introdução

traduzido por Carlos Lacerda
da revista Jeunesse Libérée

OS IRMÃOS E AS TRAVES MESTRAS DUM MOVIMENTO

Introdução
JORGE RODRIGUES

Num corredor qualquer do metropolitano, na hora em que o tempo marca a hora exacta de ter pressa de viver ou angústia de a não ter, os passos pisam a água. Pisam e passam. Fogem. Eles para ali estão no chão molhado. Como um saco. Salpicam-lhe o filho sujo. E passam. Ignoram-no. O menino dorme. Dorme... Cai uma moeda na lata e a mãe aconchega o filho ao seu corpo sujo. Tira dos trapos o seio enorme e dá-lho a chupar. Ali ao lado aquele homem verde vende carrinhos de corda. De todas as cores. Das cores que o sol pinta a Avenida. Mesmo nos dias sem sol. Ficam lá os olhos. Os carrinhos, também.

E o desejo de comprar um, dói-lhe na flor do peito, como se o leite lhe secara. Olha para os trapos e para as varizes grossas ao fundo dos trapos. Os olhos viajam dos pés para o sonho. Do sonho para o filho: — Se eu tivesse um brinquedo daqueles para quando ele acordasse... O homem trespassa com o vício aquele pedaço de corpo exposto e faz um gesto. Mas já os olhos da mãe pararam para lá do sonho. E cegaram. Na manta velha o menino dorme. Enquanto vai mamando. Enquanto os passos vão passando. Fugindo. E apodrecem... Num corredor qualquer do metropolitano.

O primeiro dia de Dezembro tinha chegado, dia fatal, pois se a partida do projectil não se efectuasse naquela noite às dez horas e quarenta e seis minutos e quarenta segundos, mais de dezoito anos decorreriam antes que a lua se apresentasse nas mesmas condições de Perígeo. A lua levantou-se então sobre o horizonte. Milhares de hurras saudaram a sua aparição. Neste momento apareceram os três intrépidos viajantes. Pelo seu aspecto, os gritos redobram de intensidade. Soaram as dez horas. O momento tinha chegado. A manobra necessária para entrar dentro do projectil, o fechar cuidadoso da porta, exigia um certo tempo. Alguns instantes mais tarde os três companheiros de aventura

estavam instalados dentro do projectil. Faltavam apenas quarenta segundos para o instante do disparo e cada um deles parecia um século. Trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta! Fogo!! Uma explosão terrível, extraordinária, sobrehumana da qual nada haveria de dar uma ideia, nem explosões da pólvora, nem os estrondos das erupções que se produziam instantaneamente. Uma imensa girândola de foguetes brotou das entranhas do sol como de uma cratera. A terra se revolveu e foi com dificuldade que algumas pessoas puderam um instante aperceber o projectil fendendo vitoriosamente o ar pelo meio de vapores flambolantes. No momento em que a cauda incandescente se elevou para o céu a uma prodigiosa altura, este desabrochamento de chamas iluminou a Flórida inteira.»

Ocuparmo-nos com a leitura do testemunho daqueles que antes de nós movidos pelo Espírito se preocuparam em conseguir uma melhor relação com o nosso Deus, com seus Irmãos na Fé, e com o seu Próximo, não nos deve causar um saudosismo por vezes doentio mas, tão somente dar-nos elementos para a compreensão de tantas perguntas que certamente muitos de nós já formulámos. Eis algumas:
Qual o significado da palavra Irmãos?
Será que houve um movimento com raízes profundas na origem do que hoje se pensa nas nossas congregações?
O que existe de comum a todas elas?

posterior intervenção de todos os Irmãos que acerca do mesmo tenham algo a nos ensinar.

Significado do nome Irmãos
Primitivamente a palavra Irmãos aparece nas Sagradas Escrituras com vários sentidos: **Parente próximo** (GÊN. 29-12); **sobrinho** (GÊN. 14-16); **indivíduo da mesma tribo** (2 SAMUEL 19-12); **da mesma raça** (ÊXO. 2-11); **metaforicamente qualquer semelhança** (LEV. 19-17) (PROV. 18-9), ou com o significado de **amigo companheiro de trabalho, um discípulo** (MAT. 25-40). Irmãos era o termo geralmente empregue pelos cristãos, quando falavam dos que tinham a mesma crença religiosa (ACTOS 9-17 e 22-13). No Novo Testamento são Irmãos não somente aqueles que se acham reunidos pelo sangue (MAT. 1-2) mas também os ouvintes judaicos (ACTOS 2-29) e os que formam o corpo de crentes na Igreja Cristã. (ROM. 1-13).

Como resultado desta e outras interrogações surge a tradução de parte do importante livro «A HISTORY OF THE BRETHREN MOVEMENT», esperando que seja uma importante achega à compreensão do que une todos os que se integram nesta corrente de pensamento Cristão. Longe de esgotar o tema, esta tradução abre-o a

Enquanto os Judeus reservavam o termo Irmão para distinguir um israelita, Cristo e os Seus Apóstolos estenderam a todos os homens o significado do nome.

NESTE Nº — NOTÍCIAS PÁG. 2 OS IRMÃOS E AS TRAVES MESTRAS DUM MOVIMENTO PÁG. 3 SER UM VERDADEIRO CRISTÃO PÁG. 4 VAIDADE DAS VAIDADES PÁG. 4 PIONEIRISMO — ERIC BARKER — PÁG. 5 IGREJA EVANGÉLICA DE LEÇA DA PALMEIRA PÁG. 5 O GRANDE E VERDADEIRO LIBERTADOR PÁG. 6 O JUDEU PÁG. 6 PÁGINA JUVENIL PÁG. 7 BANDA DESENHADA PÁG. 7 DE JÚLIO VERNE A JESUS CRISTO PÁG. 8



NOTA DA REDACÇÃO

Prezados Amigos e Irmãos em Cristo:

"A nossa própria falta de imaginação determina por vezes que a Igreja que constituímos, apareça associada a projectos pouco atraentes e actividades piedosas mas tristemente despidas de variedade, interesse e dinamismo".

Graças a Deus, surgem no entanto, esforços para se alterar esta realidade, os quais, merecem todo o apoio e incentivo dos responsáveis em particular e dos crentes em geral, quer orando, quer dando conselhos, quer apoiando economicamente, quer... enfim aquilo a que poderemos chamar uma participação activa.

O Jornal Irmãos, na modestia da sua base de apoio, pode ser considerado um desses esforços. Ambicioso nas suas intenções, não se envergonhando de ser colocado ao lado de grande parte dos jornais profissionais, desejando vivamente ser um elo de união entre os crentes das nossas Igrejas, do Norte ao Sul do País, sendo por isso grande o leque de temas abordados, tentando dar a cada leitor um pouco conforme a sua formação cultural e cristã, não tem no entanto até agora suscitado os apoios económicos necessários à sua subsistência, apesar dos sucessivos apelos! ?.

O Senhor voltará breve!. Estamos preparados para O encontrar? Eu estou!. Mas Ele não me encontrará fechado sobre mim mesmo, confortavelmente esperando a Sua Vinda. A brevidade do acontecimento é razão redobrada para trabalharmos com vigor, fazendo obras dignas de um tão maravilhoso Senhor. Alegres, dinâmicas, sensatas mas generosas e ricas de iniciativa.

Querido Irmão mais velho, querido Jovem, unidos em Cristo, oremos, apoiemos, acarinhemos na medida das nossas possibilidades os Irmãos que, nas suas próprias Igrejas ou em trabalhos entre Igrejas se esforçam por oferecer o seu melhor ao nosso Deus.

"Nós que somos D'ELE, o Deus das alturas dos abismos das suaves planícies, das coisas grandes e pequenas, Aquelle a quem penosamente e qualquer seja a sua forma, a vida surpreende e interpela. Olhá-LO assim, significa dissociá-lo de tudo o que é enfadonhamente solene, insípido e incolor. Mas significa também, e por isso mesmo conhecê-LO e amá-LO melhor".

JORGE RODRIGUES

FICHA • TECNICA

Responsável e coordenador *Jorge Rodrigues Arranjo Gráfico e maquete* *Oswaldo Castanheira Fotografia* *Carlos Lacerda, Fernando Pinheiro, Jorge Rodrigues, Oswaldo Castanheira* *Serviços de apoio* *adaptação de textos Dina Calaim, dactilografia de textos M^a Helena Lourenço, revisão de provas Naíete-Rodrigues*

Propriedade *GDJ IS Grupo Dinamizador de Juvenis Irmãos Sul*

Administração e publicidade *Jornal Irmãos Apartado 65 — 2726 MEM MARTINS CODEX*

Composição, Montagem e impressão **NÚCLEO**

Colaboram neste número *Adelaide Lacerda, Carlos Lacerda, Eric Barker, Fernando Lourenço, Isabel Messias, Jorge Rodrigues, José Carlos Oliveira, José Fontoura, José Lacerda, Oswaldo Castanheira, Pedro Andrade.*

Os artigos deste jornal são da inteira responsabilidade dos seus autores, podendo ser transcritos desde que devidamente citada a sua procedência.

Distribuição *Coimbra David Varandas Espinho e Lousada Pedro Andrade Sangalhos Abel Pires Aveiro Ruben Fontoura Porto Livraria Esperança, José Carlos Oliveira, Fernando Vasco, Alvaro Pinheiro Lisboa nas igrejas Amoreiras João P. Luz Areeiro João Velez Beato Reinaldo Silva Castelo José Carvalho Omeca David Vilhena St^a Catarina Fernando Tavares Sintra António Calaim Torcatas José Ágna*

ASSINATURAS

Entregue ao agente do Jornal na sua igreja

Pretendo assinar **IRMÃOS** a partir do nº _____, pelo período de um ano

NOME _____

MORADA _____

IGREJA/MORADA _____

Preços de assinatura

anual	80\$00
amigo	100\$00
patrocinador	150\$00
avulso	20\$00

G.D.J. EM NOTÍCIA

Seminários
O III seminário G.D.J. — I.S. que deveria ter tido lugar no dia 6 de Junho, ficou adiado devido à greve dos maquinistas da C.P. Oportunamente as Igrejas e os colaboradores convidados serão notificados da nova data prevista.



A IGREJA EM NOTÍCIA

REUNIÃO DE CONSAGRAÇÃO
No passado dia 31 de Maio realizou-se na Igreja de Sta. Catarina a reunião de consagração do *Victor e Isabel Tavares*, que partirão para a área de *Torres Vedras*, dando o seu tempo inteiro ao Senhor, naquela zona, a qual abrange ainda as Igrejas das Caldas da Rainha, Peniche, Lourinhã e Monte Redondo, no Ministério de Visitação, Edificação, Evangelização, Juventude, Crianças e Despertamento Espiritual.

Com a presença de muitos crentes e responsáveis, foi pedido pelo nosso Irmão José Ilídio Freire a bênção de Deus para estes jovens. O Jornal Irmãos, não deixará de acompanhar o percurso deste prometedor casal, e usando as palavras de um dos oradores formula o seguinte voto: «QUE O VOSSO GOZO SEJA O NOSSO GOZO E AS VOSSAS LÁGRIMAS AS NOSSAS LÁGRIMAS». Que a IGREJA se não esqueça nunca em oração destes jovens. Os Irmãos que desejarem receber notícias, cartas de oração ou enviar cartas de apoio e consolo espiritual devem escrever para:

Victor e Isabel Tavares
Igreja Evangélica de Torres Vedras
Av. 5 de Outubro, 22
2560 TORRES VEDRAS

CAMPOS BÍBLICOS 81

ACAMPAMENTOS BÍBLICOS PALHAL
5 de Julho-18 de Julho
Crianças e adolescentes
19 de Julho-22 de Agosto
Jovens desde os 15 anos
23 de Agosto-30 de Agosto
Retiro de betel

Para mais informações e inscrições
Acampamentos Palhal
Novo Horizonte
Cacia
3800 AVEIRO CODEX
Telefone 91 24 22

CENTRO BÍBLICO DE ESMORIZ

27 de Julho-2 de Agosto
7 a 11 anos
3 de Agosto-16 de Agosto
Adultos
17 de Agosto-23 de Agosto
12 a 14 anos
24 de Agosto-30 de Agosto
15 anos em diante
31 de Agosto-6 de Setembro
15 anos em diante

Para mais informações e inscrições
Centro Bíblico de Esmoriz
Lugar da Barrinha
Esmoriz
3880 OVAR CODEX
Telefone 72 574

O NORTE EM NOTÍCIA

Encontro de jovens no C.B.E. No passado dia 1 de Maio, alguns jovens levaram a efeito o 2º encontro para convívio da juventude no Centro Bíblico de Esmoriz. Concurso Bíblico por igrejas, concurso Bíblico individual e concurso musical, com o objectivo de incentivar os jovens à criação de novos hinos e à execução dos mesmos com um mínimo de qualidade, eis o que mais se destacou neste encontro.

Querendo Deus um encontro semelhante se efectuará no próximo ano, havendo já ideias para se possível seja um encontro em que o CENTRO e SUL se façam representar também.

Dr. Jayro no Porto

De visita ao nosso país o Dr. Jayro Gonçalves deslocou-se ao norte após campanha em Lisboa e Sangalhos.

A recepção ao Dr. Jayro efectuou-se no passado dia 22 de Maio com um jantar de confraternização a que estiveram presentes 125 pessoas das mais responsáveis nas igrejas. A campanha do Porto efectuou-se nos dias 23-25, tendo a juventude no dia 23 às 15 horas um encontro no qual tiveram a oportunidade de ouvir o Dr. Jayro numa linguagem bem directa para jovens exortando-os a uma maior consagração. A A.C.M. sempre cheia, as diversas decisões e consagrações foram quase de todas as Igrejas se terem unido neste esforço, havendo até perspectivas de se continuarem a reunir para oração e troca de opiniões. Espera-se que através deste ajuntamento de responsáveis a juventude possa unir-se também num esforço colectivo o que infelizmente não tem acontecido até aqui.

Acção Evangelística em Afife e arredores

Um grupo de irmãos tem efectuado trabalho intensivo em Afife e arredores, levando a boa nova aos lares de muitas pessoas; como resultado desse esforço existe já em Afife uma pequena congregação que até ao dia 7 de Junho findo se reunia num pequeno salão; porém no dia já citado e após obras de adaptação esta congregação passou a reunir-se num outro salão melhor situado. A equipa que trabalha nesta zona pensa lançar no futuro dois elementos de tempo integral na obra, já que até agora todos os elementos que a compõem trabalham ali apenas nos momentos livres.

10 de Junho tempo para congresso de Senhoras

A comissão de senhoras do Centro Bíblico de Esmoriz realizou no passado dia 10 de Junho o XX Congresso de Senhoras do norte. Como em todos os anos neste edifício e à mesma hora do congresso efectuou-se uma reunião para homens.

Encontro de 15 de Agosto

Como vem sendo hábito realizar-se-á o encontro de 15 de Agosto no Centro Bíblico de Esmoriz. O programa já em fase de preparação será como sempre com a ajuda de Deus aliciente.

REGIÃO CENTRO E NORTE CONGRESSO EVANGÉLICO — DISCÍPULO 81

28 de Novembro a 1 de Dezembro

Como surgiu? Deus tem colocado no coração de alguns servos a visão de «Unidade no Corpo de Cristo» como sendo uma necessidade urgente e essencial na Igreja. Muitos crentes abençoados pelo «Discípulo 77» têm orado desde há muito pela continuação desta acção reconciliadora dentro do Corpo de Cristo, em Portugal.

A IGREJA EM NOTÍCIA

Tema? «Unidos no Corpo de Cristo». Da mesma forma que o Senhor Jesus orou «Para que todos sejam um, e perfeitos em unidade» (João 17:21-23) nós nos colocamos à disposição para o trabalho que o Espírito Santo quer fazer. Programa? Exposição da carta aos Efésios por vários oradores. Palestras com temas diversos, visando vários aspectos da Unidade (O Indivíduo, a Família, a Igreja). Mini-Grupos. Tempo para louvor e intercessão. Refeições em comum. E muito mais...

Local? Albergaria-a-Velha. Quem pode ir? Quem crer que o Senhor quer fazer algo de novo em si próprio, na Sua Igreja. Informações Escreva para: APARTADO 402 3908 AVEIRO CODEX e receberá todas as informações necessárias.

COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMÃOS

Comunhão das Igrejas dos Irmãos, zona Sul, realizou no passado dia 17 de Abril um retiro espiritual na Igreja das Amoreiras em Lisboa. Com o tema *Comunhão* reuniram-se 26 Irmãos representando 5 Igrejas locais tendo a ordem de trabalhos sido a seguinte: oração, mensagem, colóquio e sugestões, conclusões. O Irmão Mário Diogo a cargo de quem esteve a mensagem diria a certo passo: ser uma organização a juntar a tantas outras mas o movimento do Espírito na Igreja, entre o povo de Deus. A unidade dos crentes das diversas congregações motivada pelo Espírito Santo. Por tudo o que aconteceu os presentes deram graças a Deus rogando-Lhe que a Comunhão dos Irmãos seja uma realidade vivida e contagiante para Sua Glória, bênção da Sua Igreja e bom testemunho.

COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMÃOS

A COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMÃOS iniciou uma campanha com o objectivo de adquirir uma carrinha tão necessária ao Serviço Missionário. COLABORA. INFORMA-TE JUNTO DE UM DOS RESPONSÁVEIS DA TUA IGREJA.



Sem a Boa-Vontade de todos, este jornal dificilmente poderá ter a longa existência que se deseja. É pois estimulante o apoio que estando a aumentar, é sinal evidente da confiança e do amor que o Jornal está merecendo. A partir deste nº e regularmente se dará conta das ofertas recebidas ou directamente ou no apartado, excluindo por enquanto as assinaturas de amigo e patrocinador por não haver ainda um registo completo.

Ofertas relativas aos meses de Abril-Maio-Junho

J. Ilídio Freire	1000\$00
Viriato Sobral	1000\$00
António Calaim	1000\$00
David Vilhena	1000\$00
João Velez	1000\$00
José Ágna	1000\$00
Igreja Evangélica da Assafora	500\$00
Igreja Evangélica da O.M.E.C.A.	1500\$00
Igreja Evangélica de Sintra	2560\$00

Igualmente uma palavra de gratidão a todos quantos contribuíram no trimestre Janeiro-Fevereiro-Março.

VIAGEM A ISRAEL

De 15 a 22 de Setembro vai a Israel e visite tudo o que já tem imaginado e agora tem ao seu alcance! Por apenas 41 500\$00, incluindo viagem de avião ida e volta, alojamento em hotéis de 4 estrelas, guia em Português, pensão completa do 1º ao 8º dia, viagens dentro de Israel em autocarro com ar condicionado, transfer aeroporto/hotel/aeroporto, assistência técnica, acompanhamento espiritual, tempo livre para compras.

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE!

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
NORMANDO FONTOURA
NOVO HORIZONTE
CACIA 3800 AVEIRO

ATENÇÃO

Qualquer rectificação, artigo, informação ou anúncio deverá ser enviada para JORNAL IRMÃOS APARTADO 65 2726 MEM-MARTINS CODEX.

OS IRMÃOS E AS TRAVES MESTRAS DUM MOVIMENTO

LIBERDADE E CARIDADE TÓNICAS DE UM MOVIMENTO



TRADUÇÃO DE
ISABEL MESSIAS

O Movimento dos Irmãos não deve a sua existência nem à particularidade de uma doutrina nem à força de uma personalidade. Se Darby foi, para muitos dos primeiros adeptos, um indiscutível polo de atracção e o único, dentre os seus dirigentes, que estruturou um sistema de interpretação bíblica distinto, o futuro viria a demonstrar que o Darbismo era impotente para conter a própria força que impulsionara o Movimento; abriu sulcos no terreno, é certo, mas em plena maré de reavivamento, por eles correram águas destinadas a seguir cursos muito diferentes. Por seu lado, Muller e o Scriptural Knowledge Institution, cuja intervenção está na base de grande parte da expansão do movimento, não foram senão úteis e oportunos instrumentos de forças que também eles não originaram nem puderam controlar.

O movimento nunca conheceu um génio coordenador. Ocasionalmente apareceram homens determinados, capazes de o dotar de força unificadora; mas os objectivos separatistas que os moviam e a estreiteza da sua visão esbarraram contra o natural sentido de equilíbrio característico do movimento. Um corpo saudável rejeita sempre o que é estranho ao seu organismo. É assim que o movimento, apesar da tendência nele implantada para o separatismo, acaba sempre por rejeitá-lo. É até provável que seja esta a razão por que o movimento se mostra perfeitamente hermético para os que, comungando, embora, na sua teologia conservadora, no seu pensamento arreigadamente bíblicista e no seu fervor evangélico, julgam encontrar nele terreno permeável aos seus próprios conceitos de unidade evangélica. Misteriosamente enraizada na sua natureza há um elemento de ampla simpatia, tão ampla que nem

as fronteiras dos seus próprios princípios doutrinários conseguem limitá-la. Mas por detrás da espontaneidade que caracterizou os primeiros passos do movimento, havia um factor comum que viria a cimentar a comunhão entre muitos dos espíritos cujo ardor e individualismo foram componentes marcantes do grande reavivamento de meados do séc. XIX. Esse factor constituiria já um fascinante apelo para os homens, surpreendentemente jovens que, em 1830, haviam chefiado o movimento, e continuaria a absorver energias e a suscitar enorme entusiasmo nos últimos anos do reavivamento. Era alguma coisa pela qual os jovens de bom grado trocavam o seu conforto e os anseios de realização meramente pessoal e os levava a exaltantes sacrifícios e renúncias. Os jovens não são geralmente atraídos pelo peso de valores tradicionais vazios de imaginação, por dogmas opressivos e estériles, pelas migalhas caídas de uma mesa em que já houve pão — aspectos estes infelizmente também reconhecíveis na imagem popular mais tarde apresentada por uma boa parte do próprio movimento dos Irmãos.

Mas que denominador comum era esse que faria a imaginação dos jovens e os unia na busca de um mesmo objectivo? Alguma coisa que se opunha a tudo quanto era estático, convencional, enfadonhamente «respeitável» e arrumado. Essencialmente, esse denominador comum era uma urgência de liberdade: liberdade para exprimir a resposta pessoal do homem a Deus, e fazê-lo de forma total e sem restrições. Esses homens buscavam uma comunidade de homens e mulheres inteiramente comprometidos com Cristo, mas impacientava-os o que quer que fosse que, no seio dessa mesma comunidade, limitasse a liberdade de serem usados no Seu serviço como, quando e onde Ele o desejasse.

Esta urgência de servir a Cristo em liberdade é uma característica muito nítida dos primeiros dias do movimento dos Irmãos; foi essa apaixonada devoção a Cristo, nascida de uma intensa leitura das Escrituras, que levou homens a dedicarem carreiras e bens ao Serviço de Deus e a procurar uma estreita comunhão com outros irmãos de atitudes e objectivos idênticos. Daqui, a rejeição de todas as restrições de disciplina denominacional que pareciam frustrar tais propósitos. Segue-se então o desejo de absoluta unidade com todo o povo de Deus, a livre celebração da Ceia do Senhor, a substituição da ordenação pelo livre exercício dos dons concedidos por Deus, a resposta livre e aberta a qualquer serviço que lhes fosse cometido.

A Bíblia ocupa lugar de relevo no desenvolvimento do Movimento. A busca da liberdade de serviço e culto não é indisciplinada, mas controlada pelo temor de Deus, que a tudo se sobrepõe. Ao abandonarem os regulamentos das igrejas históricas, estes homens voltaram-se para a Bíblia procurando nela orientação e inspiração. E foi na mensagem que nela liam e era exemplificada na vida dos apóstolos, que eles encontraram liberdade e horizontes mais rasgados. Paralelamente os Tractarianos⁽¹⁾, seus contemporâneos, encontravam inspiração na antiga espiritualidade da Igreja histórica, a verdadeira tónica do reavivamento católico.

O movimento dos Irmãos nasce como consequência do formalismo e da falta de vida existentes nas igrejas. Se, num certo sentido, essas igrejas eram demasiado fracas e se deixavam contaminar, por outro impunham demasiadas restrições, impossibilitando e frustrando a expressão da experiência espiritual, onde quer que esta apareça. Aos espíritos mais rigorosos as

igrejas instituídas pareciam ter perdido a marca da Graça: eram apóstatas que mereciam a rejeição. Os espíritos mais compassivos e os que possuíam um sentido mais profundo das realidades da vida nas igrejas que haviam abandonado, viam essas igrejas mais como vítimas dos longos processos da história, igrejas que era preciso amar e pelas quais era imperativo orar. Estes homens rejeitavam estruturas eclesiais mas não a comunhão com as igrejas propriamente ditas, e estavam dispostos a colaborar onde fosse possível semelhante colaboração, esperando pelo advento de uma maior liberdade no interior das próprias igrejas.

Se o movimento dos Irmãos não tivesse surgido trinta anos antes do reavivamento de 1859, alguma coisa de muito semelhante teria, sem dúvida, nascido, fruto do exaltante entusiasmo então vivido. Mas em 1859, o movimento, livre já de um Darbismo que lhe impunha restrições, era suficientemente jovem para acolher e absorver as energias dos espíritos independentes que se libertavam de igrejas mais velhas. Se ainda hoje mantêm uma flexibilidade que lhe permitisse reagir a estruturas envelhecidas, é uma questão que se pode pôr.

Sob outros aspectos, podemos dizer que o movimento se integrou na sua época. Nunca poderia ser o que foi se a Bíblia não fosse, já há muito tempo, acessível ao povo, se os ideais bíblicos não estivessem já largamente disseminados. Por outro lado, o movimento surgiu também numa altura em que a autoridade bíblica não era ainda posta em questão e constituía um forte denominador comum para todos os cristãos sinceros. Os pioneiros do movimento caracterizaram-se em geral pelo seu amor à cultura e o próprio rigor e austeridade dos seus costumes provinham de espíritos requintados. O reavivamento posterior trouxe ao Movimento um elemento novo,

particularmente nas regiões que o não haviam conhecido no seu início: era um entusiasmo efusante, de índole um pouco rude, desprovido da profunda espiritualidade presente nos pioneiros, por vezes ligados a complexos provocados pela rejeição de outras igrejas, pouco informado, um tanto à margem da cultura e demonstrando menor capacidade de compreensão no que tocava a outras posições religiosas. Esta atitude contrastava profundamente com a do Darbismo que, rejeitando — e categoricamente — as outras igrejas, procurava manter-se aberto aos cristãos em geral, acolhendo nas suas congregações, pelo menos em princípio, todos os que se impunham pela pureza da doutrina que abraçavam e pela irrepreensibilidade da sua conduta. Tal atitude era declaradamente rejeitada por certos grupos cuja ansia de pureza representava, na prática, uma absoluta ausência de abertura, uma constante preocupação em manter as congregações fechadas em si mesmas, e em medir o cristianismo dos outros pelos estreitíssimos padrões que a si próprios se haviam imposto.

Os Irmãos escolheram estruturar a sua vida eclesial precisamente no ponto em que a tensão entre dois ideais — O DA UNIDADE E O DA PUREZA — mais agudamente se fazia sentir. De um lado estavam os grupos que, em busca da pureza absoluta, rejeitavam uma unidade que temiam poder contaminá-los; do outro estava o intelectualizado exclusivismo Darbista; mas este, precisamente porque mais sofisticado, não pôde manter-se; com o tempo deslizou, contra toda a resistência, para o exclusivismo absoluto ou para uma posição indistinta dos independentes. Só estes desenvolveram (aparentemente sem que por vezes o compreendessem com clareza) um curso intermédio e estável

em que permaneceram vivos os ideais de liberdade presentes nos primeiros tempos a despeito de aspectos opressivos (de doutrina e conduta) existentes em certas igrejas locais.

Essencial e subjacente a essa posição de independência está o instinto de que a verdade transcende a mente humana e que a unidade absoluta não pode, por isso mesmo, expressar-se quando lhe são impostas restrições, sejam elas de ordem eclesial ou de fé. Básica é também a convicção de que, em última análise, o Cristianismo repousa uma resposta individual ao apelo de Deus, e não numa qualquer ordem eclesial externa, ou em práticas sacramentais que não correspondam a uma realidade espiritual íntima.

(1) Nome inspirado nos «Tracts for the Times», séries de comunicações publicadas em Oxford, entre 1833 e 1841. O «Tractarianismo» surge na Igreja da Inglaterra para fazer face às tendências liberalizantes e racionalizantes que se desenhavam no seu seio e tem como objectivo último o regresso da Igreja aos princípios do Cristianismo primitivo e patristico. A última dessas séries, Tract nº 90, escrita pelo Dr. John Henry Newman (mais tarde Cardeal) provoca acesa controvérsia que culmina com o ingresso na Igreja de Roma de parte dos Tractarianos, entre eles o próprio Newman.

BIBLIOGRAFIA

NOME DA OBRA: A HISTORY OF THE BRETHREN MOVEMENT (HISTÓRIA DO MOVIMENTO DOS IRMÃOS)

AUTOR: F. ROY COAD

Nota sobre o autor: Com família ligada aos Irmãos há 4 gerações F. Roy Coad nasceu na Zâmbia, filho de pais missionários. Tem estado sempre profissionalmente ligado ao movimento sendo um dos fundadores do Christian Brethren Research Fellowship, associação que se dedica ao estudo da História, princípios e prática do Movimento. Casado, com três filhos vive em Sutton, Inglaterra.

SER UM VERDADEIRO CRISTÃO

Pedro Andrade

Que quer dizer «ser um verdadeiro cristão»?

Numa época em que milhões de pessoas em todo o mundo são intituladas ou se intitulam de «cristãos» a cerca de 2000 anos de distância da existência terrena d'Aquele que deu origem a este vocábulo (*Jesus Cristo*), cada vez se torna mais necessário saber o seu verdadeiro significado.

A verdade é que as três referências dessa palavra no Novo Testamento implicam que esse era um título reconhecido nesse período, embora seja evidente que havia outros nomes usados pelos próprios cristãos, que até talvez preferissem. E, como a própria palavra quer significar «soldados de Cristo», «a casa de Cristo» ou ainda «partidários de Cristo» facilmente concluiremos quão poucos dentre esses milhões têm nostrado ser dignos desse nome tão bendito.

A primeira coisa que uma pessoa enfrenta quando pondera a sua relação com Deus é o seu pecado. Todos os seres humanos estão mais ou menos conscientes do seu pecado embora nem todos o queiram admitir. Quando uma pessoa ora ou se vira para Deus num momento de necessidade, logo aquela consciência inata de pecado e injustiça imerge no mais fundo do seu ser. Como pode então uma pessoa cheia de pecado obter um encontro com Deus? Como pode tal pessoa entrar na experiência de uma vida em comunhão com um Deus Santo? São estas perguntas que invadem a mente da alma ansiosa.

A consciência de pecado não é meramente resultante da maneira como se educa a criança, nem existe apenas naqueles que lêem e conhecem a Bíblia, como alguns pretendem insinuar. Até nas regiões mais selvagens, onde a civilização mal chegou, homens e mulheres indígenas enfrentam aquela mesma consciência íntima de pecado quando desejam voltar-se para Deus. E as religiões indígenas são caracterizadas por procedimentos rituais que mostram bem a maneira como sentem que desagradam a Deus e querem apaziguar a Sua justiça.

Talvez tu mesmo, caro

leitor, tenhas enfrentado, face a face, este facto inalterável do pecado. Se já alguma vez consideraste o problema da tua salvação e reconciliação com Deus, deves ter tido ocasião de te sentires profundamente consciente daquele muro de pecado que se interpõe entre ti e Deus. A tua consciência diz-me que tens pecado. O Espírito Santo diz-te que tens pecado. Acima de tudo, a Bíblia diz: «Todos pecaram» e declara «e estão destituídos da glória de Deus» (*Rom. 3:23*). «Não há um justo, nem sequer um» (*Rom. 3:10*). «Todos nós andamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho» (*Is. 53:5*). O testemunho Bíblico contra os nossos pecados é universal: todos pecamos; todos somos pecadores. E neste grupo que tu, a par de todo o ser humano, deves tomar o teu lugar.

A par desta consciência de pecado surge também, no coração humano, a consciência da santidade e justiça de Deus. Deus é justo e santo e como tal, não pode tolerar o pecado. Se o fizesse, não podia ser Deus, pois um Deus que se sustentasse na fraqueza nunca reuniria os necessários atributos da idade. Creio que isto, todos somos capazes de reconhecer.

O juiz no tribunal da sua comarca, está ali para julgar que atropelam a lei. Se não o fizer, de certeza que será removido do seu lugar. Um juiz deve julgar. Não pode passar por cima do julgamento. Ainda que o desejasse, não pode perdoar ou dispensar de julgamento nenhum infrator que lhe tenha sido apresentado. A sua posição como juiz, no nosso mais elevado conceito daquilo que está estabelecido na lei, não lhe dá possibilidade de proceder doutra maneira. Talvez ele albergue no seu coração um íntimo e profundo desejo de perdoar um homem achado culpado, mas não o poderá fazer em circunstância alguma. Apesar de toda a compaixão e piedade que possa sentir para com o réu, ele não poderá exercê-las, pois a justiça deve prevalecer. É assim com o grande e justo Juiz da raça humana. A justiça Divina não pode ignorar o castigo que o pecado do homem reclama.

Mas Deus é também um Deus de amor. E o facto de que Deus ama o homem apesar

de todo o seu pecado está completamente fora de dúvida. O amor de Deus é um dos termos mais importantes das Escrituras. Deus ama toda a raça humana — todos os filhos de Adão. Deus ama-te pelo simples facto de seres um ser humano. Não é preciso mais nada para que tenhas um lugar no Seu amor. Quando tu não puderes contar com nada nem ninguém mais no mundo, podes contar com o Seu amor Divino. Quando todo o amor humano se tiver esgotado ou falhado, podes ainda lançar mão do facto de que Deus te ama. «Deus amou tanto o mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigénito» (*João 3:16*) «Deus prova o Seu amor para conosco, pelo facto de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores» (*Rom. 5:8*) «Com amor eterno eu te amei» (*Jer. 31:3*). «Se o meu pai e a minha mãe me desampararem, o Senhor me acolherá» (*Sal. 27:10*).

Deus é para além disso, um Deus de bondade. A benignidade e o amor andam sempre juntos. Não pode existir um sem o outro. Assim uma vez que o amor é intrínseco em Deus, também o é a Sua imensa e eterna bondade. O Salmista exclama: «A sua benignidade é para sempre». A bondade só quer perdoar nunca punir. A benignidade clama sempre por clemência, perdão, isenção de pena, para a alma condenada.

E como é que Deus pode exercer ambas simultaneamente, ao lidar com o homem pecador? A justiça reclama pela punição dos nossos pecados. Por outro lado o amor suplica o perdão do pecador. Como é que Deus pode exercer ambos? Como é que Ele pode punir e perdoar o pecado? Como pode ser Ele justo e perdoador? Como podia Deus resolver este grande problema que é o da nossa salvação?

Graças a Deus que ele tem ainda outro atributo divino — SABEDORIA. Na sua infinita sabedoria, Deus resolveu este grande problema e providenciou um meio de nos salvar — A CRUZ. Foi na cruz que o próprio Filho Unigénito de Deus morreu em lugar dos réus pecadores, pagando em cheio o castigo que os nossos pecados mereciam e providenciando um caminho de salvação para todos. Na cruz, a justiça de Deus foi satisfeita, pois foi ali

que o pecado foi totalmente castigado. Ali na cruz, Cristo, sendo o eterno Filho de Deus pagou o castigo infinito dos nossos pecados que a justiça divina requeria, e isto sem passar por cima do pecado — punindo-o. «O Senhor fez cair sobre Ele, a iniquidade de nós todos» (*Is. 53:6*). «Cristo morreu pelos nossos pecados» (*1 Cor. 15:3*). «Cristo padeceu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos para nos conduzir a Deus» (*1 Ped. 3:18*). «Levando Ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro» (*1 Ped. 2:24*).

Antes de Cristo morrer, entre as suas últimas palavras, Ele disse — «Está consumado». Que é que Ele quis dizer? Ele quis significar que a justiça fora satisfeita. O preço tinha sido pago. A benignidade de Deus podia finalmente ser desfrutada pelos seres pecadores.

Assim vemos que na cruz tanto a justiça de Deus como a sua bondade foram operantes — e ambas eram requeridas. A Sua santidade, que requeria o justo castigo do pecado foi satisfeita e a Sua benignidade que clamava perdão para o Homem, foi também satisfeita.

Eis a razão porque o apóstolo Paulo disse que a Cruz é «o poder de Deus e sabedoria de Deus» (*1 Cor. 1:24*). Só a infinita sabedoria de Deus poderia ter dividido um tão maravilhoso e perfeito plano de redenção.

Só a obra de Cristo na cruz pôde ser a resposta para o problema da nossa salvação, para a minha e tua necessidade. Só na cruz podemos ser perdoados. Só na cruz é que um Deus santo pode estender um sorriso de perdão e amor em direcção a réus pecadores como nós.

A cruz é a parte de Deus na Salvação. Tudo foi realizado por Deus; nós não tivemos qualquer interferência nisso.

Foi o acto gracioso de um Deus santo e amável que supriu um verdadeiro caminho de salvação para a pecadora e condenada humanidade. A salvação é em primeiro e em último lugar, obra de Deus — a operação da Sua Sabedoria, amor e graça. ■

No próximo número • Salvação • A tua parte.



VAIDADE DAS VAIDADES É TUDO VAIDADE...

JORGE RODRIGUES



Tirado do livro de Eclesiastes (livro da Bíblia) escrito pelo rei Salomão há aproximadamente 3000 anos.

Que vantagem tem o homem, de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol? Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos. Todos os ribeiros vão para o mar e, contudo, o mar não se enche; para o lugar para onde os ribeiros vão, para aí tornam eles a ir.

Todas estas coisas se cansam tanto, que ninguém o pode declarar; os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir.

O que foi, isso é o que há-de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; de modo que nada há de novo debaixo do

sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós. Já não há lembrança das coisas que precederam; e, das coisas que não-de ser, também delas não haverá lembrança, entre aqueles que não-de vir depois.

Disse eu no meu coração: Ora vem, eu te provarei com a alegria; portanto, goza o prazer; mas eis que também isto era vaidade.

Do riso disse: Está doido; e da alegria: De que serve esta?

Amontoei também para mim prata e ouro, e joias de reis e das províncias; provi-me de cantores e cantoras, e das delícias dos filhos dos homens, e de instrumentos de música de toda a sorte. E engrandeci-me, e aumentei

mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalém; perseverar também comigo a minha sabedoria. E tudo quanto desejaram os meus olhos não lho neguei, nem privei o meu coração de alegria alguma; mas o meu coração se alegrou por todo o meu trabalho, e esta foi a minha porção de todo o meu trabalho.

E olhei eu para todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também para o trabalho que eu, trabalhando, tinha feito, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito, e que proveito nenhum havia debaixo do sol.

Alegra-te, mancebo, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e

pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo.

Afasta, pois, a ira do teu coração, e remove da tua carne o mal, porque a adolescência e a juventude são vaidade. Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento; antes que se escureçam o sol, e a luz, e a lua, e as estrelas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva.

Escutemos o fim do discurso: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem. Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau. ■



pioneirismo
biografia de...

Que todos aqueles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da história

se dediquem a ela. No meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de

sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é crime».

ALEXANDRE HERCULANO



Estamos em Inglaterra no ano de 1899. Aos Barker, casal dedicado ao serviço de Deus, nasce o seu 2º filho: um rapaz a que dão o nome de Eric.

O crescimento de Eric foi como o de qualquer outra criança da sua época. Porém, aos 7 anos decidiu aceitar Jesus como seu salvador e dedicar-lhe a sua vida.

Aos 16 anos começou a trabalhar num Banco em Londres, desenvolvendo ao mesmo tempo trabalho numa escola dominical. Quando tinha 18 anos, na Europa estala a I Guerra Mundial e ele alista-se na Armada, onde serve por 2 anos.

Desmobilizado volta ao Banco. Sente então a chamada de Deus para ser missionário; e, dos campos de trabalho que se lhe ofereciam, é para Portugal que vai a sua decisão.

Vem em Novembro de 1920. Vai para Coimbra, seguindo um mês depois para Lisboa. Com o apoio dos Irs. John Opie e George Howes começou entretanto a pregar, 1º com intérpretes e depois em português, tendo-o feito pela 1ª vez na Igreja de Santa Catarina.

Conhece José Ilídio Freire com quem colabora na realização de cultos nos arredores de Lisboa: Caneças, Vila Franca de Xira. Mais tarde fará com ele viagens missionárias através do país, distribuindo literatura, vendendo Bíblias, Novos Testamentos e livros

evangélicos. Para tal usavam um carro alentejano puxado por um macho.

Depois de algum tempo, deixa Lisboa e vai para o Norte, sendo Gafanha de Aquém, Ílhavo, Coutada, Palhaça, os sítios onde este irmão começa a evangelizar, realizando cultos em casas particulares e abrindo novas salas.

Em 1922 volta a Inglaterra: espera-o sua noiva, com quem casa em Janeiro do ano seguinte; volta de seguida para Portugal onde se fixa em Cacia, onde abre uma sala de reuniões e uma escola primária.



HÁ 61 ANOS TENDO COMO BAGAGEM UMA ENORME VONTADE DE SERVIR A DEUS, CHEGA A PORTUGAL ERIC BAKER. DEIXANDO PARA TRÁS A SUA TERRA E UM EMPREGO PROMISSOR, QUIS ESTAR COM UM POVO QUE AMOU E JUNTO DE QUEM CONTINUA A SERVIR A DEUS.



De Cacia desenvolveu um trabalho missionário que foi até Quintá do Loureiro, S. Marcos, Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azeméis. Com o carro alentejano à sua guarda, usou-o em colaboração com a Sociedade Bíblica em trabalho de colportagem.

Com 5 filhos, muda-se para o Porto a fim de permitir que as crianças iniciassem a sua educação escolar e onde lhe havia sido oferecido emprego

numa firma inglesa.

Nesta cidade, na zona da Foz, aluga uma casa com um bom salão, onde prega o evangelho.

Lavadores, Canidelo, Alumaiara, Vilar do Paraíso, Valadares, Ponte de Pedra e S. Mamede são atingidos pelo evangelho através da sua acção.

Depois de ter perdido mulher, 7 filhos, além de outros familiares chegados durante a II Grande Guerra, por naufrágio do barco onde seguiam para Inglaterra, Deus não permitiu que Eric Barker ficasse sozinho. É assim que poucos anos depois, numa visita ao seu país, encontra uma senhora com quem vem a casar (1946) e de quem tem 5 filhos, sendo hoje a sua companheira inseparável.

Hoje podemos encontrá-lo na Trav. das Motas, dirigindo a Igreja da Foz, além de ter responsabilidades na Livraria Esperança e de continuar evangelizando ao ar livre.

Ao longo de 61 anos de ministério, o seu caminho cruzou-se com o de outros vultos do trabalho evangélico em Portugal: Artur Ingleby, Viriato Sobral, Frank Smith, Ronald Molton, Richard Cole, Bertam Oliver, Carlos Swan, Guido V. Oliveira, além dos já focados.

Eric Baker aos 82 anos mantém a decisão feita aos 7 de dedicar a sua vida a Cristo e podemos ver pelos resultados do seu trabalho que Deus aceitou esse seu desejo, usando-o maravilhosamente.



Documento elaborado pelo biógrafo das informações recolhidas durante o seminário «Pioneiros» Nov. 80



51ª CONVENÇÃO BEIRA-VOUGA

Teve lugar na Igreja de Sangalhos em 13 e 14 de Junho com perto de 300 crentes de 33 Igrejas evangélicas e também muitos simpatizantes.

O Jornal Irmãos apresentará no próximo nº desenvolvido apontamento sobre esta Convenção.



FAÇA PUBLICIDADE NESTE JORNAL

Para informações mais detalhadas contacte o Jornal IRMÃOS Apartado 65 2726 MEM-MARTINS CODEX

ROL CRONOLÓGICO DE DATAS MARCANTES NA EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO EVANGÉLICO EM PORTUGAL PERÍODO DE 1743-1869

1753 Termina a impressão da Bíblia, versão portuguesa de Almeida.

1767 O Cavaleiro de Oliveira convida ousadamente D. José I a reformar a Igreja Lusitana.

1772 Começa a publicação da versão bíblica portuguesa de Pereira de Figueiredo, em Lisboa.

1790 Pereira de Figueiredo conclui a sua famosa versão da Bíblia.

1806 Milhares de portugueses assistem a cultos evangélicos a bordo dum navio inglês, no Tejo.

1807 O operariado de Lisboa pede a Napoleão uma lei que outorgue a liberdade de cultos.

1808 Primeira edição bíblica popular, em português, pela Sociedade de Londres.

1809 Regista-se, na Ilha da Madeira, a primeira distribuição bíblica: de vinte mil exemplares.

1822 A Constituição Portuguesa, no seu Art.º 17.º, reconhece a existência de cultos dissidentes.

1835 Jorge Borrow desembarca em Lisboa para criar agências de difusão da Bíblia.

1837 O «Panorama», dirigido por Herculanu, elogia as Escolas Dominicais e a Bíblia.

1838 O Dr. Kalley visita o Funchal e resolve dedicar-se ao povo madeirense.

1840 Kalley funda escolas e dispensário gratuitos, e é louvado no ano seguinte pela Câmara do Funchal.

1842 Kalley prega no Funchal, e compõe os primeiros hinos, ainda hoje cantados nos nossos cultos.

1843 É preso no Funchal o Dr. Kalley, invocando-se uma anacrónica lei de 1603.

1846 A residência de Kalley é assaltada, seus haveres destruídos e ele posto em fuga.

1864 Estabelece-se em Lisboa a agência e depósito da Sociedade Bíblica de Londres.

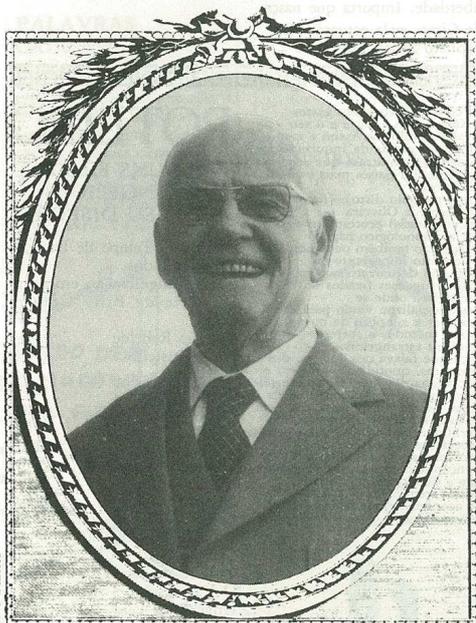
1866 Diogo Cassels inicia reuniões domésticas numa quinta a S. Cristóvão, Vila Nova de Gaia.

1867 Vem a Lisboa o Dr. Spencer, conhecido do Dr. Kalley, que labora nas «Assembleias de Irmãos».

1869 Diogo Cassels, preso e afluído no ano anterior, é absolvido na Relação.

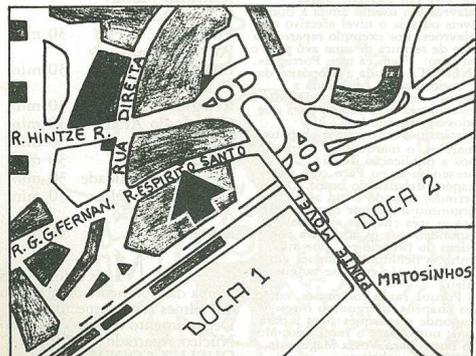


Continua no próximo nº



Eric Barker

IGREJA EVANGÉLICA DE LEÇA DA PALMEIRA



Em Junho de 1953 o prezado irmão Artur Ingleby, já com o Senhor, em cooperação com o prezado irmão Alfred Poland, inauguravam o primeiro salão onde se começou a reunir a Igreja Evangélica de Leça da Palmeira; este primeiro salão estava situado na R. Fresca. Posteriormente colaboraram com eles os irmãos Fernando Oliveira e Derek Cassells, ambos com o Senhor, havendo ainda a registar a colaboração do irmão Eric Barker que ainda vive e trabalha na obra do Senhor.

Em determinada altura e por motivos que se desconhecem, houve necessidade de mudar para outro salão e quis o Senhor que o mesmo se situasse na R. do Espírito Santo, 47; aqui e ainda com um número muito reduzido de crentes, o irmão Poland suportou grande provação chegando mesmo a colocar-se a alternativa de

encerrar o trabalho por falta de dinheiro para pagar o aluguer, porém o irmão Manuel de Freitas um dos crentes mais antigos chamou a si a responsabilidade de pagar o aluguer e assim o trabalho pôde prosseguir.

O Senhor haveria de chamar o irmão Poland para orientar o trabalho na rádio, e nessa altura alguns problemas começaram a surgir com a falta de liderança, porém o Senhor tinha já preparado o casal Doolan e assim com a sua colaboração o trabalho voltou a ganhar estabilidade. Ainda hoje este casal colabora activamente nesta Igreja local.

Presentemente a Igreja Evangélica de Leça da Palmeira tem 60 membros em comunhão, diversos crentes ainda não baptizados e alguns simpatizantes; possui um grupo de 30 jovens que dão bastante vivacidade à Igreja, com uma actividade sobretudo voltada para a música.

Esta Igreja está efectuando reuniões em Stº Cruz do Bispo em casa dos irmãos Gabriel e Fernandina, e pensa muito na possibilidade de, num futuro próximo abrir ali uma missão.

O GRANDE E VERDADEIRO LIBERTADOR

JOSÉ FONTOURA

II — Cautela Com a Falsa Liberdade — Jo. 8:36

Por isto mesmo o nosso desejo deve ser o de servir e honrar ao Senhor, não por medo mas porque O amamos. Não queiramos servir a Deus nas condições do escravo que teme o chicote. Façamo-lo, sim, de harmonia com o Espírito da Graça, com disposição voluntária, motivada pelo amor no coração regenerado e agradecido. Estão equivocados os que se julgam livres para viverem a seu gosto. A condenação desses é justa — Rom. 3:8. Estes têm caído no engano de Satanás. Nunca um cão, só porque o seu dono é bom e o alimenta, cuida dele e não o mata, vê nissó um estímulo para lhe ladrar e morder as mãos. Nem o asno, só porque o seu dono o estima e lhe dá boas razões, entende que deve responder-lhe com coices no rosto. Só os demónios poderiam inspirar aos animais ou aos homens ideias tão absurdas.

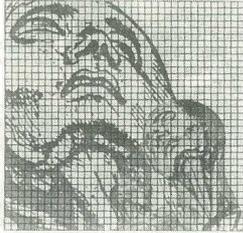
Meu Irmão, Deus salvou-nos da condenação da Lei, sem ser pelas obras mas pela Graça, e ama-nos com amor eterno. Podemos contar com os Seus recursos, para que possamos fazer tudo ainda melhor do que aquilo que a Lei

humanamente exigiria de nós. Porque o Filho nos fez livres, somos livres da condição de escravos, a fim de que pela acção do Seu Espírito seja abundante em nós o poder de fazermos todo o bem.

Qualquer outra liberdade é falsa e somente imaginária ou nominal. Estou a pensar nos que dizem: — «Sou cristão, porque fui baptizado, frequento os cultos, leio a Bíblia, faço todo o bem que posso, canto hinos, participo da mesa do Senhor e também oro. Numa palavra, sou religioso. Contribuo para as missões, gosto de ouvir a verdade bem pregada, rejeito doutrinas erradas e amo a liberdade religiosa. Fora com toda a forma de tirania! Então, sou ou não sou livre?» Estes, apesar de em certo sentido serem livres, não o são verdadeiramente, se o Filho de Deus os não tem libertado. É preciso que Cristo revele a cada um o seu estado de escravidão e ausência de qualquer bem no coração, e que cada um se humilhe até ao pó com o coração quebrantado. Necessário é que cada um reconheça que sem a Sua morte expiatória não há salvação nem liberdade. Importa que nasça de Cima, pela acção do Espírito Santo, chegando

assim a ser filho de Deus por viva experiência. Ninguém se contente em imitar os Israelitas, que diziam: — «Temos Abraão por pai», confiado na sua religiosidade. Só pelo novo nascimento se pode ter a Deus por Pai e ser verdadeiramente livre.

Também há os que se crêem livres, por serem dotados de bondade natural. Confiam no seu «bom» coração e atribuem as suas «pequenas» faltas à fraqueza da carne. São melhores que os seus vizinhos e fazem bem aos pobres. Se governassem o mundo, tudo correria certo, pois consideraram-se muito capacitados. Crêem até que chegam a fazer mais que aquilo que se pode exigir. Se tu, meu Amigo, és um destes, presta atenção à falsa liberdade. Estás sendo levado, qual cativo do príncipe deste mundo, como a ovelha ao matadouro. Se nunca sentiste falta do Libertador Supremo, também nunca foste libertado. Por conseguinte, não és verdadeiramente livre. ■



O "JUDEU"

Oswaldo Castanheira a propósito de uma peça de teatro...

I Na Ibéria desde o tempo romano, comunidade populosa já na época visigótica, representaram sempre uma elite cultural. Durante o séc. XII violentamente perseguidos nas regiões árabes procuraram refúgio nos Estados Cristãos, tendo sido acolhidos por Afonso VI que os utilizou na formação dos quadros superiores da administração do estado, tendo D. Afonso Henriques e todos os outros reis portugueses até ao séc. XIV feito o mesmo. Em 1492, os Reis Católicos decretaram a expulsão dos judeus dos seus estados (Aragão e Castela), sob pena de morte, tendo muitos deles procurado refúgio em Portugal onde nessa altura D. João II autorizou a instalação das famílias mais ricas a troco de altas quantias. Mas sendo eles cerca de 120 mil, nem todos eram ricos. Os que nada puderam pagar foram reduzidos a escravos. Em 1496 D. Manuel por acordo com os reis católicos ordenou a expulsão de todos os judeus, mas os seus conselheiros chamaram-lhe a atenção para os prejuízos que tal medida acarretava: perda dos impostos, grandes valores saíam do país, bem como milhares de artesãos. O rei numa medida oportunista, ordenou que os judeus poderiam ficar, mas teriam que deixar de ser judeus. Cria enormes dificuldades para que saiam do reino, sendo milhares deles baptizados cristãos contra vontade, com a garantia (ilusão) de que durante 20 anos não seriam perseguidos. São os cristãos novos ou criptojudeus, vivendo agora numa vida dupla: cristãos para o exterior, para a sociedade, para a Inquisição, mas na intimidade fiéis a Moisés (clandestinamente). As judiarias são extintas e as sinagogas transformadas em igrejas (sinagogas ainda hoje existentes um pouco por todo o país em especial nas Beiras). Apesar da garantia de não perseguição, os hebreus foram muitas vezes perseguidos e até chacinados, «o que levou à formação de duas mentalidades: a do cristão-velho, detentor da verdade, inimigo da inovação, farejador de erros alheios, dogmático e repressivo e a do cristão-novo, assediado, revoltado, não solidário com a comunidade nacional.»

Por causa da expansão marítima e descobrimento, Portugal entra no espaço europeu (embora não passe do corredor — desculpem o aparte) que está dividido em dois blocos ideológicos: uma Europa conservadora, católica, obediente ao papa, e uma Europa contestatária, reformista, «protestante», revoltada contra Roma, acabando a pregação de Lutero na Alemanha por desencadear guerra aberta entre duas alas. Pela sua posição geográfica, composição social, estado económico e condições políticas (D. João III era cunhado de Carlos

V, suporte político da Europa fiel a Roma) Portugal alinhou nesse conflito (bloco ocidental contra o bloco de leste) que no nosso país era fácil arranjar perseguidores, os protestantes a perseguir eram ainda «agulha em palheiro». Por isso o objecto da repressão anti-reformista foi em Portugal substituído por um outro muito mais real: os judeus. Convertidos à força a cristãos continuavam a ser judeus por dentro, sendo a prática do judaísmo considerada crime de apostasia punido com pena de morte e o mais cobardice, o confisco da fortuna, o que era muito importante pois as grandes fortunas dos judeus ajudavam a sanar as dificuldades financeiras do estado (nesta altura o FMI ainda não existia). Os primeiros autos de fé realizam-se em 1541 e duram até ao tempo de D. João V. Num país onde os serviços públicos se caracterizavam pela má organização e ineficiência o santo ofício foi uma verdadeira excepção à regra. Em cada português havia um polícia, não só dos judeus, mas da «depravação de costumes»(?) fosse ou leitura de certos livros, etc, etc, etc. Durante uma parte do séc. XVI e ao longo de todo o séc. XVII a actividade cultural portuguesa foi isolada do movimento das ideias europeias, que precisamente nessa época foram intensas e inovadoras.

II Esta atitude inquisitorial deixou marcas no modo de pensar português: «intolerância religiosa, chauvinismo ideológico, tendência para identificar a nação com um credo único, e simultaneamente, um permanente ceticismo em relação às ideias, uma permanente desconfiança em relação a inovação cultural sempre suspeita de implicar riscos para a segurança do estado e para a unidade moral da Nação.» É destas marcas que a peça de Bernardo Santareno que esteve durante cinco meses no palco do teatro Nacional D. Maria II, falava, a propósito da vida de um tal António José da Silva «O Judeu», o nosso maior autor cómico desde Gil Vicente e que a inquisição não perdia de vista porque a sua glória dramática era apreciada e aplaudida pelo povo, e as alusões satíricas ao clero, Inquisição, rei e costumes nacionais faziam tremer de medo muito boa gente. Nasceu este cristão novo em 1705, vindo a morrer queimado por auto de fé em 1739. A acção desenrola-se no reinado de D. João V (1706-1750) «período de maior afluxo de Ouro do Brasil mas que não contribuiu em muito para a situação do país que ficou na mesma «sem ciência, política, economia, educação, comércio, indústria, nobreza ou corte» segundo José da Cunha Brochado diplomata português da época. O

rei consumia tudo em gastos luxuosos com a corte e o seu prestígio próprio. Assim e com a «preciosa» ajuda da Inquisição foi aumentando o atraso que separava Portugal dos países mais evoluídos da Europa. Como símbolo disto, o nome do Cavaleiro de Oliveira (estrangereiro) protestante (ver roteiro cronológico pág. 5) perseguido também pela inquisição é elemento importante da condução da narrativa, como um dos portugueses fixados no estrangeiro onde se caracterizou vindo para cá defender a adopção de novas ideias, métodos e correntes literárias estrangeiras. Peça que falava dos judeus, dos seus ritos, quotidiano, temores e discriminações, peça de exorcismos de outras peças de António José da Silva, se não viu foi pena, não pela enxada, não pelo espectáculo em si mas pelo seu valor histórico. Esperamos em próximas oportunidades não chamar a atenção para o passado e sempre que a qualidade e a temática o justificarem incentivar à assistência de acontecimentos futuros do género.

III 1ª curiosidade: apesar de tudo as relações entre judeus e cristãos eram de forma tão íntima que era difícil senão impossível encontrar qualquer família que não tivesse ligações com judeus. Os cruzamentos familiares entre cristãos-novos e cristãos-velhos são de tal maneira que quem quiser encontrar na sua genealogia sangue judeu por certo o encontrará. 2ª curiosidade: ainda hoje vestígios da língua portuguesa podem ser encontrados em comunidades judaicas como, por exemplo numa que vive em Esmirna. Estas palavras são usadas ainda a dois níveis ou seja o nível afectivo e de palavras. Por exemplo repare esta frase de ternura de uma avó para o seu neto: «Vem cá meu Portugal». ANEDOTA: ainda a propósito da 1ª curiosidade é conhecida a seguinte anedota: «Tendo D. José I promulgado uma ordem para que todos os criptojudeus (cristãos-novos) usassem chapéus amarelos, o marquês de Pombal, após a publicação da lei, apresentou-se no Paço com três chapéus debaixo do braço. O rei sorrindo, quando o viu assim, perguntou-lhe o que queria fazer com os três chapéus. Pombal respondeu que os adquirira por ordem do próprio rei, pois não conhecia nenhum português em cujas veias não corresse sangue judeu. — Porque razão compraste, então, três chapéus? Perguntou o rei. Respondeu o marquês: Um é para mim; outro para o Inquisidor-Mor e o outro para Vossa Magestade, caso queira cobrir-se.»

ROTEIRO

ALGUNS FILMES EVANGÉLICOS AO SEU DISPOR

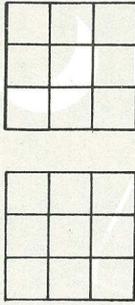
Título	Tempo de Duração
Dramatizados para evangelização em geral	
Da série de Billy Graham	
Lúcia	1H30
Coração Rebelde	1H30
Os Insatisfeitos	1H30
Terra Santa (Evang./Edific.)	1H15
Mr. Texas	1H00
Almas em Conflito	1H15
Two-a-Penny (Res.)	2H00
Tempo Para Correr	2H00
Não mais Só	1H00
Shiokari Pass	1H00
Depois da Tempestade	2H00
Uma Razão Por Que Morrer	
Uma Razão para Viver 45 min.	
O Vale Escuro	
Uma Carta Para Anita (Edificação)	
Sobre Missões: Criança da Paz	30 min.
Crianças Subindo Uma Montanha	40 min.
Daniel Em inglês	15 min.
Arca de sem Noé	15 min.
tradução nem legendas	
Sobre o problema da Droga: Viagem Maldita	30 min.
Série Ciência e Fé Instituto Moody	
O Professor e os Profetas	30 min.
Por Acaso ou Preconcebido	30 min.
O Mistério dos 3 Relógios	30 min.
O Deus do Átomo	30 min.
Sinais no Céu	30 min.
Janelas da Alma	30 min.
Tempo e Eternidade	30 min.
Cidade das Abelhas	30 min.
A Reivindicação Suprema	30 min.



Mais informações acerca das condições de utilização dos filmes serão fornecidas pelo Departamento Audio-Visual do Núcleo Apartado 1-2746 QUELUZ CODEX

PÁGINA JUVENIL

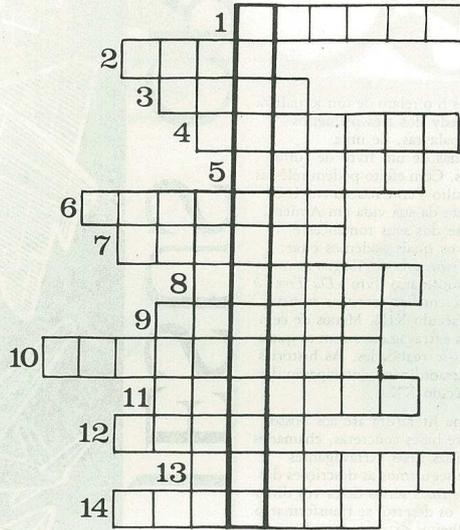
ADELAIDE LACERDA ✨ JOSÉ LACERDA



COLOCA UM NÚMERO EM CADA UM DOS ESPAÇOS VAZIOS DESTES QUADRADOS POR FORMA A QUE A SOMA FEITA NO SENTIDO HORIZONTAL, VERTICAL E NAS SUAS DUAS DIAGONAIS SEJA SEMPRE IGUAL A 15.

USA O SEGUNDO QUADRARDO E PROCEDE DO MESMO MODO TENTANDO OBTER O NÚMERO 18.

AGORA PODERÁS VERIFICAR, COMPARANDO OS DOIS RESULTADOS, QUE EXISTEM ENTRE ELAS CARACTERÍSTICAS COMUNS. SE AS DESCOBRIRÉS, PODERÁS ENTÃO OBTER A REGRA QUE TE PERMITE FAZER O MESMO PARA TODOS OS MÚLTIPLOS DE 3 (21, 24, 27, 30...).



Sucessor do governador Félix; 2. Lugar onde Pedro ficou com um certo Simão curtidor; 3. Lugar onde habitava Enéias; 4. Efésio que acompanhou Paulo até à Ásia; 5. Profeta de Jerusalém que profetizou a fome que houve no tempo de Cláudio César; 6. Imperador romano; 7. Cooperador de Paulo que desamparou o apóstolo e foi para Tessalónica; 9. Ali chamaram Júpiter a Barnabé e Mercúrio a Paulo; 10. Barnabé partiu para Tarso a buscar Saulo e o conduziu para aquela cidade; 11. Judia, mulher do governador Félix; 12. Província romana situada ao sul da Macedónia; 13. Casado com Safira; 14. Mulher que creu, após o discurso de Paulo no Areópago em Atenas.

ABRE AS ESCRITURAS NO LIVRO DOS ACTOS DOS APÓSTOLOS E, MÃOS À OBRA! Na coluna vertical que se encontra destacada, vai surgir uma expressão que o apóstolo Paulo usa num versículo da carta que dirige aos Efésios. Se o encontraste, o teu trabalho está concluído. Aproveita porém a ocasião; não feches a tua Bíblia. Lê a passagem que contém aquele versículo e reserva alguns momentos para meditação.

PALAVRAS CRUZADAS

Por lapso a grelha das palavras cruzadas do nº anterior foi impresso numa posição incorrecta. Roda a grelha 45º para cima de modo que o título PALAVRAS CRUZADAS fique na horizontal. E TENTA OUTRA VEZ!

SE UNIRES OS PONTOS DE 1 A 76 VAIS ENCONTRAR UM R:



O MUNDO DEVE SER MUDADO. ESTOU FARTO DA SOCIEDADE ACTUAL.

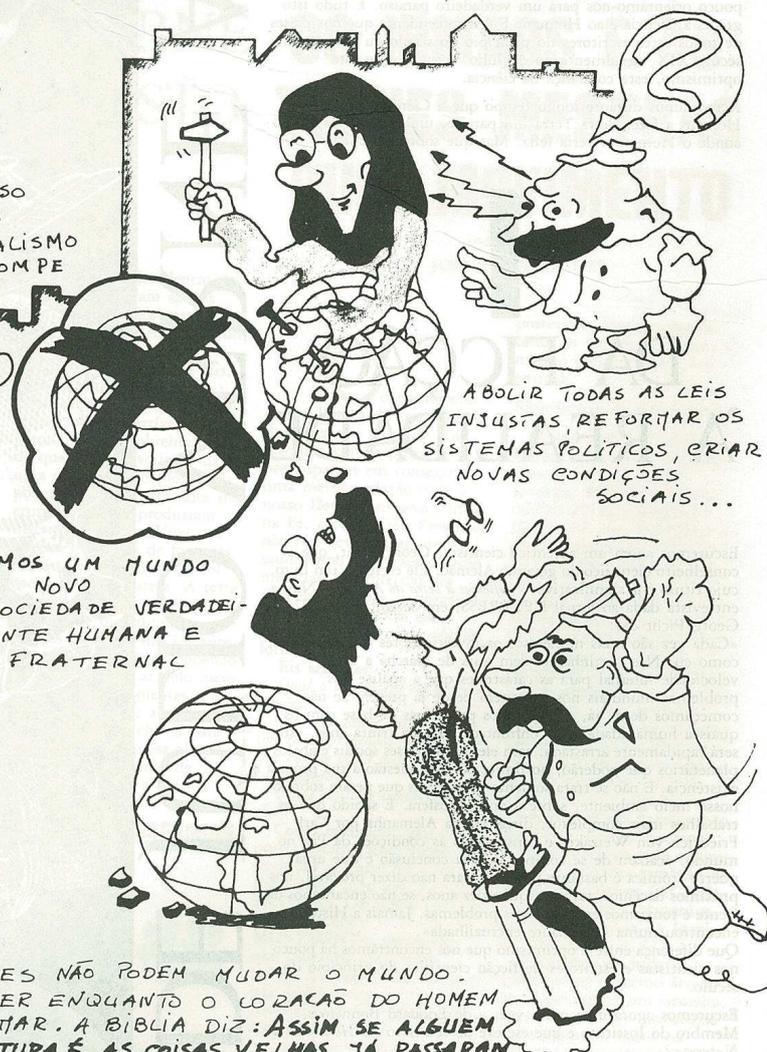
O QUE É PRECISO É UM MUNDO NOVO.

BD

JORGE RODRIGUES

É PRECISO ELIMINAR O CAPITALISMO QUE CORROMPE

CRIEMOS UM MUNDO NOVO
UMA SOCIEDADE VERDADEIRAMENTE HUMANA E FRATERNAL



ABOLIR TODAS AS LEIS INJUSTAS, REFORÇAR OS SISTEMAS POLÍTICOS, CRIAR NOVAS CONDIÇÕES SOCIAIS...

AS BOAS INTENÇÕES NÃO PODEM MUDAR O MUNDO. NADA SE PODERÁ FAZER ENQUANTO O CORAÇÃO DO HOMEM NÃO SE TRANSFORMAR. A BÍBLIA DIZ: ASSIM SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO NOVA CRIATURA É, AS COISAS VELHAS JÁ PASSARAM, EIS QUE TUDO SE FEZ NOVO II COR. 5-17

2 "DA TERRA À LUA" DA LUA AO PARAÍSO

Não vos iludeis, não vos li o relato de um jornalista que assistiu à partida do cabo Kennedy dos três primeiros cosmonautas para a Lua. Mas estas palavras, de uma surpreendente actualidade são extraídas de um livro de Júlio Verne escrito há uma centena de anos. Com efeito podem relê-las no seu romance «Da Terra à Lua». Júlio Verne nasceu em 1828 em Nantes e passou uma grande parte da sua vida em Amiens. Foi lá que ele escreveu a maior parte dos seus romances e aventuras de ficção científica, entre os quais podemos citar: «20 000 léguas submarinas», «A ilha misteriosa», «Viagem ao centro da Terra» — e concerteza este extraordinário livro «Da Terra à Lua». Júlio Verne, o pai da ficção científica escreveu as suas obras durante a segunda metade do século XIX. Menos de cem anos mais tarde muitas das máquinas extravagantes com as quais ele equipou os seus heróis tornavam-se realidades. As histórias espantosas que ele conta são uma extraordinária antecipação das grandes descobertas científicas do século XX.

E, após Júlio Verne haverá toda uma literatura até aos nossos dias feita de relatos imaginários sobre bases concretas, chamados romances de ficção científica. As coisas mais extravagantes podem encontrar-se nesses livros e se seguirmos as descrições dos autores desse género de literatura, os mais sérios deles vos dirão que a Antártida se tornará habitável, os desertos se transformarão em jardins, e que os frutos e as colheitas expostas a radiações benéficas lhes valerá um crescimento acelerado e desmedido. A chuva obedece ao homem, a noite deixa de existir e pouco a pouco orientamo-nos para um verdadeiro paraíso. E tudo isto graças à Ciência e ao Homem. E é surpreendente que nos países de todos estes escritores do princípio do século ou do fim do século XIX, igualmente no de Júlio Verne, existe este optimismo, esta confiança na ciência.

Acreditámos durante longo tempo que a Ciência ajudaria o Homem a fazer desta Terra um paraíso, um lugar maravilhoso aonde o Homem viveria feliz. Mas que sobreveio então?

1 DA FICÇÃO À REALIDADE

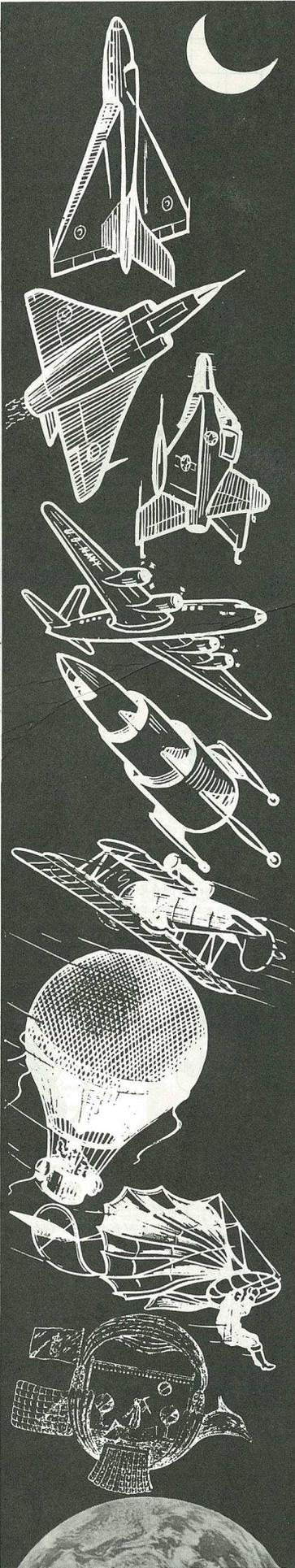
Escutemos agora um autêntico cientista, Georg Picht, que é conselheiro científico do governo Alemão. Ele escreveu um livro, cujo título é já significativo: «Reflexões à beira do Abismo». Numa entrevista dada ao jornal L'EXPRESS, em Setembro de 1971, Georg Picht diz:

«Cada vez são mais numerosos os investigadores que vos dirão, como eu: Nós caminhamos sem guia de marcha a uma velocidade infernal para as catástrofes que a análise dos problemas mundiais nos permitem desde já prever. Se não começamos desde já, a resolver os problemas de base com os quais a humanidade será confrontada daqui a trinta anos, esta será rapidamente arrastada, com efeito, em crises sociais e abalos planetários que poderão, no limite pôr em questão a sua própria existência. E não se trata somente de ameaças que pesam sobre o nosso meio ambiente, sobre a nossa biosfera. É sabido que os trabalhos mais complexos, dirigidos na Alemanha por Carl Friedrich von Weizsäcker e consagrados às condições da Paz no mundo, acabam de se completar. Sua conclusão é que uma guerra atómica é bastante possível, para não dizer provável, nos próximos decénios, talvez daqui a dez anos, se não encarmos de frente e tomarmos em mão esses problemas. Jamais a História se encontrou numa semelhante encruzilhada».

Que diferença entre o optimismo que nós encontramos há pouco nos cientistas e escritores de ficção científica do princípio do século.

Escutemos agora uma outra voz, a de Edouard Bonnefois, Membro do Instituto e que escreve no seu livro «O Homem ou a Natureza?»:

DE JÚLIO VERNE A JESUS CRISTO



«O frenesi do mundo actual, a vertigem que provocam todas as formas de velocidade e de agitação substituindo-se a uma actividade real, e sobretudo um atractivo cada vez mais forte para a violência que poderá talvez ir um dia, até ao ponto de colocar ao serviço das paixões humanas a potência destrutiva do átomo, mudaram a mentalidade dos nossos contemporâneos a tal ponto que em lugar de conservar o respeito pela vida, nós podemos, ai de mim, ter medo, segundo a triste previsão de Théodore Monod, de ver a espécie humana e, talvez a vida sobre a terra chegar à catástrofe final.»

E a voz de Maurice Genevoix: «Foram precisos bastantes anos, para deixar formar sobre as nossas cabeças esta nuvem do apocalipse. É suficiente abrir os olhos para tremer como um animal que presente a tempestade à beira de novos abismos que rodeiam a humanidade. A expressão aprendiz de feiticheiro cessou de pertencer unicamente aos contos de fadas.»

0 DE JÚLIO VERNE A JESUS CRISTO

Júlio Verne viu com uma extraordinária precisão, para o seu tempo, a partida da terra e a chegada à lua.

Ele imaginou muitas mais realizações científicas que se tornaram realidade. Mas, o que Júlio Verne não parece ter previsto, foi que estas descobertas, longe de trazerem ao homem a felicidade esperada, longe de criarem sobre a terra o paraíso tão desejado, que estas descobertas transformam pouco a pouco o nosso mundo num inferno, num mundo insuportável impossível para viver. E não posso deixar de pensar, então, num outro que, há mais de 100 anos, já quase há 2000 anos viu que este mundo longe de se transformar num paraíso, se transformaria pouco a pouco num mundo insuportável. Disse Jesus há 2000 anos aos seus discípulos. Tu podes ler no Evangelho de Mateus, capítulo 24: «Porque haverá então grande aflição, como nunca houve, desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco há-de haver. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias.»

Com que extraordinária clarividência Jesus viu a orientação que tomava este mundo, com que extraordinária clarividência Ele viu que o homem finalizaria por conduzir o mundo a tal estado de angústia que se tornaria impossível de viver, e que se Deus não intervisse, a vida desapareceria inteiramente sobre a terra. Por causa do seu orgulho, por causa da sua loucura, o homem conduziria o mundo à catástrofe.

Felizmente Deus não permitirá esta catástrofe última, Ele interferirá antes e o fará por causa dos seus, por causa dos eleitos. E a Bíblia nos diz mesmo que Deus então durante um certo tempo revelará sobre a terra o que a vida teria sido, o que o mundo teria sido se o homem se tivesse deixado humildemente dirigir por Aquele que o criou, em vez de o ter posto de lado, em vez de o ter desprezado, em vez de ter querido tomar o Seu lugar.

O que se passará um dia à escala planetária, passa-se já em muitas vidas no microcosmo, e talvez já na tua. Talvez tenhas também acreditado, que pelas tuas forças, pela tua inteligência, pelas tuas possibilidades, tu conduzirias a tua vida para a felicidade, para o paraíso, e o resultado foi catastrófico. Encontra-te hoje numa encruzilhada, sem saber para que lado avançar e até talvez possas confirmar as palavras que Tchakowsky escreveu tinha ele quarenta anos: «A minha vida é um inferno.» Gostaria então de te dizer que não é tarde para te aproximares de Jesus, que te ama. De Jesus que veio à terra para ajudar o homem pois Ele sabia que disso bem precisaria; Ele quer ajudar-te pois Ele sabe que disso tens necessidade. Não queres tu, hoje, dobrar os teus joelhos diante d'Ele e dizer: Senhor, trago-te a minha vida miserável, manchada, arruinada, sem esperança no amanhã, trago-ta para que tu a tomes na mão e para que tu me salves?

Então e somente então, Jesus te salvará. Ele fará todas as coisas novas e tu conhecerás enfim dias de esperança!

NO PRÓXIMO Nº O CRISTÃO E O ANO INTERNACIONAL DO DEFICIENTE □ DONALD CRANE • A FIGURA DO TRIMESTRE □ ENTREVISTA □ O QUE É A COMUNHÃO DAS IGREJAS DOS IRMÃOS — SUL □ O PAPEL DO ESTUDANTE CRENTE E A EVANGELIZAÇÃO DE ESTUDANTES □ PORQUE VEIO O PAI NATAL □ CRÓNICA DO CORRESPONDENTE NA ALEMANHA □ ESPAÇO JUVENIL • O SABICHÃO